

# **NADA PRIMORDIAL E POTENCIALIDADE INFORMACIONAL MÁXIMA:**

**uma análise crítico-propositiva do artigo de Yaniv Riz em  
confronto com os axiomas, elementos fenomênicos, Efeitos  
Indutores, teorema cosmogênico e Eras cosmológicas da Teoria  
da Objetividade**

Vidamor Cabannas

Denivaldo Silva

**Observação dos autores:** Este texto analítico contou com o suporte analítico do  
ChatGPT.

Feira de Santana - Bahia

2026

# Sumário

ABSTRACT	3
Resumo	4
1 Introdução	5
2 O artigo analisado e sua relevância no diálogo entre TO e UiT	6
3 A Teoria da Objetividade como gramática modal da existência possível	7
4 O Nada Primordial na TO e a interpretação informacional de Yaniv Riz	8
5 Potencialidade, distinção e registro: a ponte entre Nada modal e existência física	9
6 Fronteira, bit e distinção: a Quarta Verdade Absoluta em chave informacional	10
7 Campo, áurea e assinatura de fase: a Segunda Verdade Absoluta em diálogo com a UiT	11
8 Infinito, não-elemento e limite de potencial: a Terceira Verdade Absoluta	12
9 Observação dupla, objetividade e validação inter-relacional	13
10 Composição, memória e elementos anteriores	14
11 Elemento transcendente, conhecimento e radiação atômica	15
12 Tempo como fluxo de registro informacional	16
13 Efeitos Indutores e cadeia cosmogênica informacional	17
14 O teorema cosmogênico da TO diante da proposta de Riz	18
15 As Eras cosmológicas da TO em diálogo com a UiT	19
15.1 Era Antagônica . . . . .	19
15.2 Era dos Trilhos Lógicos . . . . .	19
15.3 Era das Correntes Lógicas de Plasma Terciário . . . . .	20
15.4 Era Centrífuga . . . . .	20
15.5 Era das Unidades de Inteligência . . . . .	20

<b>16 Pontos de tensão entre a TO e a leitura físico-informacional do Nada</b>	<b>20</b>
16.1 O risco de redução física do Nada . . . . .	21
16.2 Potencial máximo e infinitude modal . . . . .	21
16.3 Observadores como validadores ou condições ontológicas . . . . .	21
16.4 Áurea como assinatura de fase . . . . .	21
16.5 Tempo como registro . . . . .	21
<b>17 Contribuições propositivas do artigo para o desenvolvimento da TO</b>	<b>22</b>
<b>18 Considerações finais e nota de diálogo com a TO</b>	<b>22</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>24</b>
<b>Apêndice no estilo TO</b>	<b>26</b>
Apêndice A — Formulação modal mínima . . . . .	26
Apêndice B — Sequência cosmogênica propositiva TO–UiT . . . . .	26
Apêndice C — Princípio de não redução da TO à UiT . . . . .	27
Apêndice D — Enunciado final em estilo TO . . . . .	27

# ABSTRACT

This article presents a critical–propositional analysis of Yaniv Riz’s 2026 paper *Primordial Nothingness as Maximal Informational Potential: A Physical-Interpretive Bridge between the Theory of Objectivity and Unified Informational Theory*, published on Zenodo with DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.20139535>. The purpose is to examine how Riz’s proposal interprets primordial nothingness as maximal unregistered informational potential and how this interpretation dialogues with the Theory of Objectivity, developed by Vidamor Cabannas and Denivaldo Silva. The analysis argues that Riz’s text offers one of the most direct and cooperative bridges between the Theory of Objectivity and a contemporary informational ontology of physics. The Theory of Objectivity is understood here as a modal, logical and ontological grammar of possible existence, whereas Unified Informational Theory is interpreted as a possible physical–informational mechanism of registration, distinction, dispersion, memory, time, phase and force. The article concludes that the strongest convergences occur around the notions of primordial nothingness, boundary as first information, double observation as objective validation, composition as accumulated registration, and the transcendent element as propagated information or atomic radiation. The main tension lies in the risk of reducing the modal Nothing of the Theory of Objectivity to a merely physical state of unregistered information. The final evaluation assigns Riz’s article a high dialogical score in relation to the Theory of Objectivity, while preserving the distinction between modal necessity and physical formalization.

**Keywords:** Teoria da Objetividade; Vidamor Cabannas; Denivaldo Silva; Yaniv Riz; Unified Informational Theory; primordial nothingness; informational potential; boundary; memory; time; atomic radiation; modal ontology; cosmology.

## Resumo

Este artigo apresenta uma análise crítico-propositiva do texto de Yaniv Riz, *Primordial Nothingness as Maximal Informational Potential: A Physical-Interpretive Bridge between the Theory of Objectivity and Unified Informational Theory*, publicado no Zenodo com DOI <https://doi.org/10.5281/zenodo.20139535>. O objetivo é examinar como a proposta de Riz interpreta o Nada Primordial como potencial informacional máximo ainda não registrado e de que modo essa interpretação dialoga com a Teoria da Objetividade, desenvolvida por Vidamor Cabannas e Denivaldo Silva. Sustenta-se que o artigo de Riz constitui uma das pontes mais diretas, cooperativas e conceitualmente produtivas entre a Teoria da Objetividade e uma ontologia físico-informacional contemporânea. A Teoria da Objetividade é aqui compreendida como gramática modal, lógica e ontológica da existência possível, enquanto a Unified Informational Theory é interpretada como possível mecanismo físico-informacional de registro, distinção, dispersão, memória, tempo, fase e força. A análise conclui que as maiores convergências ocorrem nos temas do Nada Primordial, da fronteira como primeira informação, da observação dupla como validação objetiva, da composição como acumulação de registros e do elemento transcendente como informação propagada ou radiação atômica. A principal tensão reside no risco de reduzir o Nada modal da Teoria da Objetividade a um estado físico de informação não registrada. Ao final, atribui-se ao artigo de Riz uma nota elevada de diálogo com a TO, preservando-se, contudo, a distinção entre necessidade modal e formalização física.

**Palavras-chave:** Teoria da Objetividade; Vidamor Cabannas; Denivaldo Silva; Yaniv Riz; Unified Informational Theory; Nada Primordial; potencial informacional; fronteira; memória; tempo; radiação atômica; ontologia modal; cosmologia.

# 1. Introdução

O artigo de Yaniv Riz, *Primordial Nothingness as Maximal Informational Potential*, representa um momento particularmente relevante no diálogo recente entre a Teoria da Objetividade, doravante TO, e a chamada *Unified Informational Theory*, doravante UiT. Diferentemente de textos que apenas tangenciam problemas cosmológicos, informacionais ou ontológicos, o artigo analisado procura responder diretamente a uma questão fundacional: como pensar o Nada Primordial não como ausência vulgar, vazio físico ou nulidade empírica, mas como condição máxima de potencialidade informacional ainda não registrada?

A questão é decisiva para a TO porque sua Primeira Verdade Absoluta afirma que “o Nada é uma Essência Matemática Primitiva e Eterna” (Cabannas e Silva 2016). Essa formulação não deve ser confundida com uma simples negação material. Na TO, o Nada não é um espaço vazio, uma região sem partículas, uma flutuação do vácuo ou um estado inicial do cosmos físico. Ele é uma condição modal anterior à manifestação existencial. Trata-se de uma essência primitiva porque não deriva de outro elemento; matemática porque possui inteligibilidade formal; eterna porque não depende do tempo físico para ser pensada; e necessária porque qualquer cosmologia que fale de origem já pressupõe algum fundamento anterior à origem física.

Riz propõe uma tradução interpretativa dessa intuição: o Nada Primordial pode ser compreendido como máximo potencial informacional ainda não registrado. Formalmente, o artigo analisado expressa essa condição por meio da configuração:

$$I_{pot} = I_{pot}^{max}, \quad I_{dist} = 0, \quad I_{disp} = 0. \quad (1)$$

Nessa formulação, a informação potencial está em sua máxima capacidade, enquanto a informação distinguida e a informação dispersa ainda não se atualizaram. Em termos simples, o Nada não é “algo registrado”, mas a condição total de tudo que poderia vir a ser registrado. Desse modo, a UiT procura estabelecer uma ponte entre ontologia modal e física da informação.

O presente artigo tem como objetivo desenvolver, em português, uma análise científica completa e expandida desse diálogo. A discussão será organizada a partir da análise propositiva previamente formulada, articulando o artigo de Riz com a bibliografia fundante da TO, a bibliografia de apoio e de diálogo com a TO e a bibliografia recente da própria TO. O método será crítico-propositivo: crítico, porque examina as convergências e tensões entre os dois sistemas; propositivo, porque procura indicar como a UiT pode auxiliar a TO em sua busca por pontes operacionais, sem reduzir a TO a uma física setorial.

## 2. O artigo analisado e sua relevância no diálogo entre TO e UiT

O texto de Riz possui uma singularidade no conjunto de produções recentes que dialogam com a TO: ele não trata a Teoria da Objetividade como objeto externo de crítica, mas como interlocutora conceitual. Seu subtítulo já explicita essa intenção: trata-se de uma “ponte físico-interpretativa” entre a Teoria da Objetividade e a Unified Informational Theory (Riz 2026b).

Essa postura é cientificamente relevante porque evita duas reduções frequentes. A primeira seria reduzir a TO a uma cosmologia alternativa meramente concorrente ao Big Bang. A segunda seria reduzir a UiT a uma especulação informacional sem ancoragem ontológica. Riz procura outra via: a TO é tomada como gramática modal da admissibilidade da existência; a UiT, como possível mecanismo físico-informacional de registro da existência.

A tese pode ser sintetizada assim: a TO pergunta pelas condições lógicas para que algo possa existir; a UiT pergunta pelos mecanismos físicos pelos quais algo passa a ser registrado, distinguido, disperso, memorizado e objetivado. A primeira opera no nível da necessidade modal; a segunda, no nível da inscrição físico-informacional.

Essa distinção é decisiva para preservar a autonomia da TO. Desde seus textos fundantes, a Teoria da Objetividade busca formular uma terceira teoria da origem do universo, alternativa tanto ao Big Bang compreendido como evento inicial absoluto quanto ao criacionismo entendido como explicação teológica imediata (Cabannas e Silva 2016; Cabannas e SILVA 2018). A TO não nega a importância da física empírica, mas procura estabelecer uma camada anterior: a lógica objetiva mínima sem a qual não haveria universo existencial a ser fisicamente descrito.

Riz, ao reconhecer essa precedência modal, realiza um gesto de aproximação conceitual. Seu texto sugere que a UiT pode funcionar como linguagem de transição entre as Verdades Absolutas da TO e possíveis descrições físico-informacionais. Por isso, o artigo analisado possui grande valor para a bibliografia recente da TO, especialmente para textos que vêm trabalhando a passagem dos axiomas modais para pontes de testabilidade e contato empírico (Cabannas e Silva 2026a; Cabannas e Silva 2026b).

### 3. A Teoria da Objetividade como gramática modal da existência possível

A Teoria da Objetividade é fundada sobre sete Verdades Absolutas. Elas não são apresentadas como hipóteses empíricas ordinárias, mas como proposições de necessidade modal. Sua função é estabelecer as condições mínimas para que existência, distinção, relação, observação, composição, transcendência e universo possam ser pensados de modo objetivo.

As sete Verdades Absolutas, conforme a formulação consolidada pelo programa da TO, são:

1. O Nada é uma Essência Matemática Primitiva e Eterna.
2. Todo elemento possui um campo magnético, ou áurea, que o torna único.
3. O infinito representa o não-elemento necessário para a definição lógica do universo.
4. Dois elementos distintos exigem ao menos uma linha de fronteira entre eles.
5. Um elemento só existe plenamente se observado por ao menos dois outros.
6. Todo elemento é composto por elementos anteriores a ele.
7. Não há universo existencial sem substância transcendente ao seu quantum.

Essas proposições formam uma arquitetura lógico-ontológica. A primeira estabelece o fundamento modal. A segunda afirma a unicidade relacional do elemento. A terceira introduz o infinito como não-elemento necessário. A quarta define a fronteira como condição da distinção. A quinta estabelece a observação relacional como condição de existência plena. A sexta afirma a anterioridade constitutiva dos elementos. A sétima introduz o elemento transcendente, compreendido nesta análise como conhecimento ou informação produzido nas relações atômicas e equivalente às radiações atômicas.

A originalidade da TO está em não tratar o universo apenas como totalidade material. Universo, em sentido objetivo, exige elemento, fronteira, relação, observação, composição e transcendência informacional. Sem essas condições, haveria apenas indeterminação, isolamento ou quantum sem projeção objetiva.

Essa estrutura aproxima a TO de debates contemporâneos sobre informação, observação, emergência, medição e ontologia relacional. Contudo, a TO não deve ser confundida com uma simples teoria da informação. Sua prioridade é modal. A informação, na TO, ganha estatuto ontológico na medida em que se torna conhecimento produzido



nas relações atômicas, ultrapassando o quantum local e irradiando-se como substância transcendente ao evento isolado.

Nesse ponto, o artigo de Riz oferece uma contribuição decisiva: ele procura descrever como esse processo de passagem do potencial ao registro pode ser formalizado em linguagem físico-informacional.

## 4. O Nada Primordial na TO e a interpretação informacional de Yaniv Riz

A Primeira Verdade Absoluta da TO afirma que o Nada é uma Essência Matemática Primitiva e Eterna. Essa proposição é uma das mais fortes e também uma das mais difíceis de traduzir para a linguagem da física contemporânea. Isso ocorre porque a física trabalha normalmente com estados, campos, partículas, métricas, energia, vácuo, flutuações ou leis dinâmicas. A TO, entretanto, pergunta por algo anterior: que condição torna possível que qualquer estado, campo, partícula, métrica, energia, vácuo ou lei seja logicamente concebível?

O Nada da TO não é o “vácuo quântico” da física contemporânea. O vácuo quântico já possui estrutura, campo, flutuação e regime matemático. Também não é a ausência empírica de objetos. A ausência empírica já é ausência dentro de um mundo. O Nada da TO é anterior à mundanidade física. Ele é condição lógica primitiva, não objeto localizado.

Riz propõe interpretar esse Nada como “nothing registered”, isto é, nada registrado. A formulação é:

$$\textit{Nothingness} = \textit{nothing registered}. \quad (2)$$

Essa frase possui valor heurístico considerável. Ela permite traduzir o Nada para uma linguagem informacional: antes da existência física, não há distinção registrada, não há dispersão, não há memória, não há tempo físico, não há força. Há apenas potencialidade máxima não atualizada. O Nada, assim, não é pobreza absoluta, mas plenitude potencial sem inscrição.

Entretanto, do ponto de vista da TO, essa tradução precisa ser delimitada. Se o Nada for definido apenas como ausência de registro, corre-se o risco de fazer depender o Nada do conceito de registro. Mas o registro já pressupõe distinção, fronteira, possibilidade de inscrição e regime relacional. A TO, por sua vez, interroga a condição anterior a qualquer regime de registro.

A solução propositiva consiste em distinguir dois níveis:

1. **Nada modal da TO:** essência matemática primitiva e eterna, anterior a qualquer registro físico.
2. **Nada físico-interpretativo da UiT:** estado-limite de máximo potencial informacional ainda não registrado.

Essa distinção permite compatibilizar as teorias sem confundi-las. A UiT não substitui a Primeira Verdade Absoluta da TO, mas oferece uma linguagem física para pensar a transição do Nada modal para a primeira possibilidade de registro.

## 5. Potencialidade, distinção e registro: a ponte entre Nada modal e existência física

A estrutura formal proposta por Riz organiza-se em torno de três categorias principais:

$$I_{pot}, \quad I_{dist}, \quad I_{disp}. \quad (3)$$

A primeira representa a informação potencial; a segunda, a informação distinguida; a terceira, a informação dispersa. O estado primordial é descrito como:

$$I_{pot} = I_{pot}^{max}, \quad I_{dist} = 0, \quad I_{disp} = 0. \quad (4)$$

Essa fórmula é uma das mais importantes do artigo analisado. Ela permite representar a passagem da potencialidade absoluta para o registro físico. Antes da distinção, não há objeto; antes do registro, não há memória; antes da dispersão, não há propagação; antes da propagação, não há transcendência informacional.

A TO pode acolher essa formulação como modelo auxiliar, desde que preserve a diferença entre fundamento modal e processo físico. Na linguagem da TO, o Nada não “contém” objetos prontos, como se fosse um depósito de entes invisíveis. Ele contém a necessidade lógica de que qualquer surgimento existencial exija distinção, fronteira, observação, composição e transcendência.

A UiT traduz esse movimento em termos de conversão informacional. O potencial não permanece eternamente imóvel; ele passa a ser distinguido. A distinção, por sua vez, exige fronteira. A fronteira permite registro. O registro torna possível memória. A memória permite tempo. O tempo se articula à fase. A fase permite força. A força organiza matéria, campo e cosmologia.

A sequência pode ser expressa assim:

$$I_{pot} \rightarrow I_{dist} \rightarrow I_{disp} \rightarrow registro \rightarrow memória \rightarrow tempo \rightarrow fase \rightarrow força. \quad (5)$$

Essa cadeia aproxima-se fortemente da lógica dos Efeitos Indutores da TO. Cada etapa induz a etapa seguinte. O potencial induz distinção; a distinção induz fronteira; a fronteira induz registro; o registro induz memória; a memória induz temporalidade; a temporalidade e a fase induzem força; a força induz organização material.

Desse modo, o artigo de Riz oferece uma ponte operacional importante: ele permite pensar a gênese do universo não como explosão material inicial, mas como processo de atualização informacional de potencialidade distinguível.

## 6. Fronteira, bit e distinção: a Quarta Verdade Absoluta em chave informacional

A Quarta Verdade Absoluta da TO afirma:

Dois elementos distintos exigem ao menos uma linha de fronteira entre eles.

Esse axioma é um dos pontos de maior convergência entre a TO e o artigo de Riz. A razão é simples: se não há fronteira, não há distinção; se não há distinção, não há elemento; se não há elemento, não há relação; se não há relação, não há universo existencial. A fronteira é a condição mínima da diferença.

Riz propõe interpretar a fronteira como primeira forma de informação. Formalmente:

$$A \neq B. \quad (6)$$

A diferença entre A e B exige uma linha, região, limite ou estrutura de separação. Essa separação é mais do que geometria: ela é informação distinguida. Por isso, Riz sugere a aproximação:

$$boundary \simeq \partial I_{dist}. \quad (7)$$

Essa relação é extremamente fecunda para a TO. Ela permite compreender a fronteira não apenas como linha espacial, mas como operação ontológica de distinção. A fronteira é o primeiro operador da objetividade: ela separa, define, permite reconhecer, estabiliza a diferença e inaugura o campo de possibilidade do registro.

A interpretação do bit também é relevante:

$$bit \simeq \Delta I_{dist}. \quad (8)$$

O bit aparece como unidade mínima de distinção registrável. A passagem de 0 a 1, ou de não marcado a marcado, exige fronteira. Nesse sentido, a Quarta Verdade Absoluta da TO pode ser reinterpretada em chave informacional como princípio da distinção mínima: nenhum bit, nenhum registro, nenhum campo de informação pode existir sem uma fronteira entre estados.

Essa aproximação aproxima a TO de debates contemporâneos sobre informação física, computação, medição e ontologia digital. Entretanto, a TO não se reduz a uma teoria computacional. A fronteira da TO é mais ampla que o bit. O bit é uma realização físico-formal possível da fronteira; a fronteira, por sua vez, é condição ontológica de toda distinção.

## 7. Campo, áurea e assinatura de fase: a Segunda Verdade Absoluta em diálogo com a UiT

A Segunda Verdade Absoluta da TO afirma:

Todo elemento possui um campo magnético, ou áurea, que o torna único.

Essa proposição pode ser mal interpretada se o termo “campo magnético” for tomado apenas em sentido eletromagnético clássico. A leitura mais adequada, dentro da arquitetura da TO, é ampliada: todo elemento possui uma zona de individuação, influência, assinatura e distinção que o torna irrepetível em sua posição relacional.

Riz propõe interpretar essa áurea como assinatura local de fase-informação:

$$\Xi_E(x) = \chi_E(x)e^{-i\phi_E(x)}. \quad (9)$$

A expressão sugere que cada elemento possui um perfil próprio de fase, localização, registro e distinção. Essa assinatura não é apenas um atributo externo; ela constitui o modo pelo qual o elemento se diferencia do entorno.

A compatibilidade com a TO é forte quando se entende a áurea como campo de unicidade. Cada elemento não existe como ponto neutro, mas como estrutura relacional singular. O elemento traz consigo uma margem de manifestação, um campo de influência, uma assinatura de presença.

A UiT oferece uma possível tradução física dessa intuição: a singularidade do elemento pode ser descrita por perfis de fase, gradientes, registros locais e estruturas informacionais. Isso é útil porque evita transformar a áurea em metáfora vaga. Ao mesmo tempo, a TO deve preservar a amplitude de sua formulação: a áurea não se limita necessariamente a uma estrutura gauge, a uma função de fase ou a um campo físico já conhecido. Ela é princípio geral de individuação.

Portanto, a proposta mais equilibrada é afirmar que a assinatura de fase de Riz é uma possível representação físico-informacional da áurea da TO, mas não seu esgotamento ontológico.

## 8. Infinito, não-elemento e limite de potencial: a Terceira Verdade Absoluta

A Terceira Verdade Absoluta da TO afirma:

O infinito representa o não-elemento necessário para a definição lógica do universo.

Essa formulação é central porque impede que o infinito seja tratado como simples objeto entre objetos. O infinito, na TO, não é mais um elemento dentro do universo; ele é o não-elemento que permite definir logicamente a totalidade, o limite, a abertura e a condição de horizonte do universo.

Riz aproxima-se dessa tese ao tratar o infinito não como objeto físico temporal, mas como limite lógico de capacidade potencial. Em seu modelo, a esfera potencial representa possibilidades futuras, enquanto a esfera realizada representa informações registradas. O tempo físico surge da passagem entre potencial e realizado. Quando não há mais potencial ativo a registrar, o tempo físico perde sentido operacional.

Essa interpretação possui afinidade com a TO porque reconhece que o infinito não deve ser confundido com uma entidade material interna ao cosmos. Ele funciona como horizonte de potencialidade, não como corpo físico.

Contudo, há uma tensão importante. A TO fala do infinito como não-elemento necessário à definição lógica do universo. Riz tende a falar de potencial máximo, o que pode sugerir uma grandeza limite. Mas infinito modal e potencial máximo não são equivalentes. O potencial máximo ainda pode ser pensado como quantidade, capacidade ou estado-limite; o infinito da TO é condição lógica não quantificável como elemento físico.

Assim, a compatibilidade depende de uma diferenciação:

1. **Infinito na TO:** não-elemento lógico necessário à definição do universo.

2. **Potencial máximo na UiT:** representação físico-informacional de um limite de registro possível.

A UiT pode ajudar a modelar a transição do potencial ao realizado, mas não deve transformar o infinito modal da TO em mera quantidade física.

## 9. Observação dupla, objetividade e validação inter-relacional

A Quinta Verdade Absoluta da TO afirma:

Um elemento só existe plenamente se observado por ao menos dois outros.

Esse axioma é um dos mais originais da TO. Ele afirma que existência plena não é isolamento. Para que um elemento exista plenamente, ele precisa ingressar em uma rede relacional mínima. Um único registro pode indicar ocorrência, mas a objetividade plena exige confirmação relacional.

Riz interpreta esse princípio em termos de registros independentes. Um observador pode registrar uma informação, mas esse registro ainda é perspectival. A objetividade surge quando outro observador independente valida a mesma distinção:

$$I_{rec}^{(1)}(A) \simeq I_{rec}^{(2)}(A). \quad (10)$$

Essa formulação é altamente compatível com a TO. Ela permite traduzir a exigência dos dois observadores como convergência informacional. A existência plena não depende de subjetivismo psicológico, mas de validação objetiva por registros distintos. Dois observadores funcionam como condição mínima de estabilização inter-relacional.

A proximidade com debates sobre medição quântica, decoerência, objetividade quântica e informação compartilhada é evidente. Na física contemporânea, a objetividade de um sistema frequentemente é discutida em termos de redundância de registros, acessibilidade intersubjetiva e estabilidade de informação. A TO antecipa essa discussão ao afirmar que a existência plena exige observação por ao menos dois outros.

Entretanto, a TO parece atribuir a essa exigência força ontológica mais radical do que a UiT. Em Riz, os dois observadores validam o registro; na TO, eles contribuem para a plenitude existencial do elemento. Não é apenas epistemologia; é ontologia relacional. Um elemento isolado pode ter alguma forma de possibilidade ou ocorrência, mas não plenitude objetiva.

## 10. Composição, memória e elementos anteriores

A Sexta Verdade Absoluta da TO afirma:

Todo elemento é composto por elementos anteriores a ele.

Esse princípio impede a compreensão do elemento como absoluto isolado. Todo elemento é herdeiro de condições, relações, fronteiras, campos, registros e composições anteriores. A existência é sempre constituída.

Riz interpreta essa anterioridade como acumulação de distinções registradas. A composição física pode ser descrita como soma organizada de camadas informacionais:

$$I_{dist} = I_{dist}^{core} + I_{\phi} + I_{boundary} + I_{memory} + \dots \quad (11)$$

O núcleo físico da informação distinguida pode ainda ser organizado em canais:

$$I_{dist}^{core} = I_m + I_v + I_{\tau}. \quad (12)$$

Nessa formulação, massa, velocidade e tempo próprio aparecem como canais de registro ou distinção. A massa relaciona-se à frequência de Compton:

$$I_m \leftrightarrow \omega_C = \frac{mc^2}{\hbar}. \quad (13)$$

A velocidade pode ser associada à relação entre posição e variação:

$$I_v \leftrightarrow I_x I_{\dot{x}}. \quad (14)$$

O tempo próprio aparece como fator de relação temporal:

$$I_{\tau} \leftrightarrow \chi = \frac{d\tau}{dt}. \quad (15)$$

Essas expressões oferecem uma tradução físico-informacional da anterioridade constitutiva. Um elemento não é simples unidade sem história; ele é composição de registros. Sua estrutura atual depende de distinções anteriores, fronteiras anteriores, memórias anteriores e relações anteriores.

A TO pode acolher essa leitura como ponte operacional, desde que se reconheça que “anterioridade” possui dois níveis. Há anterioridade física, vinculada a registros acumulados no tempo. Mas há também anterioridade modal, vinculada às condições lógicas de possibilidade. Antes de haver memória física, já é necessário que distinção, fronteira e

relação sejam logicamente possíveis.

Portanto, a UiT formaliza a anterioridade física; a TO fundamenta a anterioridade modal.

## 11. Elemento transcendente, conhecimento e radiação atômica

A Sétima Verdade Absoluta da TO afirma:

Não há universo existencial sem substância transcendente ao seu quantum.

Essa é uma das teses mais profundas da TO. Ela significa que o quantum isolado não basta para constituir universo existencial. É necessário que algo ultrapasse o evento local, que haja emissão, relação, conhecimento, informação propagada, radiação ou substância transcendente ao isolamento quântico.

Na interpretação adotada nesta análise, o elemento transcendente da TO deve ser compreendido como conhecimento ou informação produzido nas relações atômicas, equivalente às radiações atômicas. Essa equivalência permite articular a TO com a física: a relação atômica não produz apenas estrutura local; ela produz informação irradiada, sinal, marca, perturbação, memória e comunicabilidade objetiva.

Riz aproxima-se fortemente dessa tese ao propor:

$$I_{trans} \simeq I_{out} \simeq I_{rec}^{propagated}. \quad (16)$$

O elemento transcendente seria informação propagada para além do evento local. Pode manifestar-se como radiação, perturbação de campo, memória externa ou registro. Essa formulação é uma das mais importantes contribuições do artigo analisado para a TO.

Ela permite compreender que o universo não é mera soma de entidades locais. Universo existencial implica rede de propagação. Cada evento só se torna cosmicamente relevante quando deixa marca, quando emite informação, quando ultrapassa a própria localidade.

A Sétima Verdade Absoluta encontra, portanto, uma tradução físico-informacional promissora na UiT: o transcendente ao quantum é a informação que sai do quantum, propaga-se, registra-se e participa da rede objetiva de conhecimento cósmico.

Essa leitura também permite reinterpretar o conhecimento não como fenômeno exclusivamente humano, mas como estrutura ontocósmica. O conhecimento, em sentido



TO, é a informação relacional produzida e propagada nos processos atômicos e cósmicos. A consciência humana seria uma forma tardia e complexa de organização desse princípio, não sua origem absoluta.

## 12. Tempo como fluxo de registro informacional

O artigo de Riz propõe uma leitura do tempo como fluxo de registro informacional. Em vez de tratar o tempo como recipiente vazio onde eventos ocorrem, a UiT sugere que o tempo emerge da relação entre distinção e dispersão:

$$dt^* = \frac{dI_{dist}}{dI_{disp}}. \quad (17)$$

Essa fórmula desloca a compreensão do tempo. O tempo não é cenário neutro; é efeito de transformação informacional. Ele surge quando há passagem, registro, distinção, dispersão e memória.

A TO pode dialogar fortemente com essa proposta. Nas Eras cosmológicas da TO, o tempo físico não precisa ser pressuposto desde o início absoluto. A Era Antagônica e a Era dos Trilhos Lógicos podem ser compreendidas como condições anteriores ou protoestruturais da temporalidade física plena. O tempo emerge quando a relação entre distinção, memória e registro alcança estabilidade suficiente para produzir sequência.

Essa leitura também se aproxima de reflexões clássicas e contemporâneas sobre o tempo. A relatividade de Einstein mostrou que tempo e espaço não são absolutos newtonianos independentes, mas estruturas relacionadas ao estado de movimento e ao campo gravitacional (Einstein 1920). A cosmologia moderna ampliou essa questão ao discutir o tempo cósmico, a expansão e as condições iniciais do universo (Hawking 1988; Weinberg 1993). Riz, por sua vez, desloca a pergunta para a informação: o tempo seria a taxa ou forma de atualização do registro.

A TO pode usar essa ponte para afirmar que o tempo físico é uma manifestação derivada, não o fundamento último. Antes do tempo físico há necessidade modal, Nada primitivo, fronteira possível, distinção possível e condição de observação. O tempo aparece quando tais condições se transformam em fluxo registrável.

## 13. Efeitos Indutores e cadeia cosmogênica informacional

Os Efeitos Indutores, no contexto da TO, podem ser compreendidos como processos pelos quais elementos, fronteiras, campos, relações e registros induzem transformações em outros elementos ou em zonas relacionais. Eles descrevem a passagem entre níveis de realidade.

Riz oferece uma formulação compatível com essa ideia ao propor uma conservação transformativa entre potencial, distinção e dispersão:

$$\Delta I_{pot} + \Delta I_{dist} + \Delta I_{disp} = 0, \quad (18)$$

com:

$$\Delta I_{pot} < 0, \quad \Delta I_{dist} + \Delta I_{disp} > 0. \quad (19)$$

Essa relação sugere que, à medida que o potencial diminui, aumentam a distinção e a dispersão. O potencial não desaparece sem consequência; ele se transforma em estrutura registrada e propagada.

Do ponto de vista da TO, essa transformação pode ser interpretada como cadeia de indução ontocósmica:

1. o Nada modal permite potencialidade;
2. a potencialidade induz distinção;
3. a distinção induz fronteira;
4. a fronteira induz registro;
5. o registro induz memória;
6. a memória induz tempo;
7. o tempo induz fase;
8. a fase induz força;
9. a força induz organização material;
10. a organização material induz relações atômicas;
11. as relações atômicas induzem conhecimento;

12. o conhecimento induz transcendência informacional.

Essa cadeia é valiosa porque aproxima a TO de uma metodologia de operacionalização. Os Efeitos Indutores deixam de ser apenas conceitos ontológicos e passam a poder ser pensados como transições formais entre regimes: potencial, distinção, registro, memória, temporalidade, fase, força e matéria.

Entretanto, é importante preservar a orientação da TO: a cadeia física não substitui os axiomas. Ela é consequência interpretativa possível. Os axiomas estabelecem a necessidade; a cadeia descreve uma possível fenomenologia de atualização.

## 14. O teorema cosmogênico da TO diante da proposta de Riz

O teorema cosmogênico da TO pode ser entendido como a formulação segundo a qual o universo emerge da necessidade lógica do Nada, da distinção, da fronteira, da relação, da observação, da composição e da transcendência informacional. A origem do universo não é apenas um evento físico inicial, mas uma sequência modal-fenômica de passagem da potencialidade à existência objetiva.

O artigo de Riz oferece uma tradução dessa sequência em linguagem físico-informacional. O estado primordial é:

$$I_{pot} = I_{pot}^{max}, \quad I_{dist} = 0, \quad I_{disp} = 0. \quad (20)$$

A cosmogonia começa quando ocorre conversão do potencial em distinção e dispersão. Esse processo pode ser alinhado aos elementos da TO:

Teoria da Objetividade	Unified Informational Theory no artigo de Riz
Nada como essência matemática primitiva	Potencial informacional máximo não registrado
Primeira distinção	Emergência de $I_{dist}$
Fronteira	Derivada ou limite de distinção
Memória	Informação registrada
Tempo	Fluxo de registro
Conhecimento	Informação que cruza para o registro e se estabiliza
Elemento transcendente	Informação/radiação propagada

---

Esse paralelismo mostra que a UiT pode ser lida como formalização auxiliar do teorema cosmogênico da TO. Ela descreve como o universo poderia passar de potencialidade não registrada para estrutura objetiva de registros, memórias, temporalidade e forças.

A contribuição do artigo é, portanto, dupla. Primeiro, ele reconhece a TO como fundamento modal. Segundo, ele oferece um vocabulário físico-informacional para pensar a passagem da condição modal à fenomenologia cósmica.

A tensão, novamente, reside na tentação reducionista. O teorema cosmogênico da TO não deve ser absorvido pela UiT como se fosse apenas uma versão filosófica de uma teoria informacional. A TO possui autonomia lógica. A UiT pode ser um instrumento de tradução, não o fundamento último da TO.

## **15. As Eras cosmológicas da TO em diálogo com a UiT**

### **15.1. Era Antagônica**

A Era Antagônica da TO pode ser relacionada ao estado de máximo potencial não registrado. Antes da distinção física, há uma tensão entre possibilidade e não realização. Essa tensão não é temporal no sentido físico ordinário; é modal. Riz chama esse limite de condição de registro zero.

A compatibilidade é forte, pois o Nada da TO não é passividade vulgar. Ele é condição de possibilidade. A UiT interpreta essa condição como potencial informacional máximo.

### **15.2. Era dos Trilhos Lógicos**

A passagem de  $I_{pot}$  para  $I_{dist}$  pode ser interpretada como formação dos primeiros trilhos lógicos. Na TO, os trilhos lógicos estruturam o encaminhamento da possibilidade cósmica. Em Riz, a distinção inicial começa a estabelecer direção, diferença e possibilidade de registro.

Essa relação permite pensar os trilhos lógicos como canais primordiais de diferenciação. Eles não são ainda matéria plenamente formada, mas condições estruturais para que a matéria, o tempo e a força venham a emergir.

### 15.3. Era das Correntes Lógicas de Plasma Terciário

Embora Riz não trate diretamente do plasma terciário da TO, sua noção de dispersão informacional pode dialogar com essa Era. A informação dispersa,  $I_{disp}$ , sugere fluxos, correntes, propagação e distribuição de registros em um meio dinâmico.

A Era das Correntes Lógicas de Plasma Terciário pode ser reinterpretada, proposi-tivamente, como regime no qual registros, fases, campos e dispersões começam a constituir correntes cósmicas capazes de organizar estruturas posteriores.

### 15.4. Era Centrífuga

A Era Centrífuga envolve expansão, separação, extrusão e diferenciação. Riz descreve a expansão do realizado dentro da esfera potencial. A esfera realizada cresce à medida que o potencial se converte em registro.

Essa imagem dialoga com a Era Centrífuga: o universo se manifesta por diferenciação, separação e propagação. O que antes era potencial indistinto passa a compor regiões, relações, campos, registros e estruturas.

### 15.5. Era das Unidades de Inteligência

A Era das Unidades de Inteligência pode dialogar diretamente com a tese riziana de conhecimento como registro. Quando informação registrada se organiza em memória, validação, reconhecimento e correlação, surgem condições para inteligência.

Na TO, a inteligência não é acidente tardio sem raiz cósmica. Ela é desenvolvimento superior de processos de registro, memória, relação e transcendência informacional. A exigência de dois observadores para existência plena antecipa a estrutura relacional da inteligência: conhecer é validar, relacionar, distinguir e objetivar.

## 16. Pontos de tensão entre a TO e a leitura físico-informacional do Nada

Apesar das fortes convergências, o artigo analisado apresenta tensões relevantes quando confrontado com a TO.

### **16.1. O risco de redução física do Nada**

A tensão principal está na possível redução do Nada modal da TO a um estado físico-informacional. Para a TO, o Nada é essência matemática primitiva e eterna. Ele não pode depender da categoria de registro, pois o registro já pressupõe distinção e fronteira.

A formulação “nothing registered” é útil como ponte, mas insuficiente como definição última do Nada da TO.

### **16.2. Potencial máximo e infinitude modal**

Riz trabalha com a ideia de potencial máximo. A TO trabalha com o infinito como não-elemento necessário. Potencial máximo pode sugerir limite quantitativo; infinito modal é condição lógica não redutível a quantidade.

Assim, a UiT deve ser compreendida como modelo de potencial físico, não como definição completa do infinito da TO.

### **16.3. Observadores como validadores ou condições ontológicas**

Riz interpreta os dois observadores como validadores independentes de registro. A TO, entretanto, atribui a essa exigência uma força ontológica maior. O elemento só existe plenamente quando observado por ao menos dois outros. Portanto, a observação não é apenas confirmação epistêmica; é condição relacional de plenitude existencial.

### **16.4. Áurea como assinatura de fase**

A interpretação da áurea como assinatura de fase é promissora, mas pode ser estreita. A TO exige um conceito mais amplo de campo de individuação. A fase pode ser uma manifestação física da áurea, mas não sua totalidade ontológica.

### **16.5. Tempo como registro**

A definição de tempo como fluxo de registro dialoga com a TO, mas a TO pode exigir condições anteriores ao tempo físico. Nas Eras mais primordiais, a lógica modal antecede a temporalidade registrada. Assim, o tempo informacional deve ser situado como fenômeno emergente, não como fundamento primeiro.

## 17. Contribuições propositivas do artigo para o desenvolvimento da TO

O artigo de Riz contribui de modo significativo para o desenvolvimento contemporâneo da TO. Suas principais contribuições podem ser organizadas em cinco pontos.

Primeiro, ele oferece uma formalização informacional do Nada. Embora não substitua a Primeira Verdade Absoluta, a noção de potencial informacional máximo não registrado cria uma ponte poderosa com a física da informação e a cosmologia teórica.

Segundo, ele traduz a fronteira em termos de distinção registrada. Isso fortalece a Quarta Verdade Absoluta e permite aproximá-la do conceito de bit, de diferença mínima e de unidade informacional.

Terceiro, ele interpreta a observação dupla como validação objetiva por registros independentes. Essa leitura permite colocar a Quinta Verdade Absoluta em diálogo com teorias de medição, objetividade quântica e epistemologia científica.

Quarto, ele reforça a Sétima Verdade Absoluta ao identificar o elemento transcendente com informação propagada. Essa contribuição é decisiva porque aproxima a TO da tese de que conhecimento/informação produzido nas relações atômicas equivale a radiações atômicas.

Quinto, ele propõe uma cadeia cosmogênica operacional: potencial, distinção, dispersão, registro, memória, tempo, fase e força. Essa cadeia pode auxiliar a TO na explicação de suas Eras cosmológicas e de seus Efeitos Indutores.

A contribuição mais profunda, entretanto, está no respeito à hierarquia entre TO e UiT. Riz não precisa reduzir a TO à UiT. Ao contrário, a UiT pode ser compreendida como subteoria físico-informacional situada após a admissibilidade modal estabelecida pela TO.

## 18. Considerações finais e nota de diálogo com a TO

O artigo *Primordial Nothingness as Maximal Informational Potential* é um dos diálogos mais compatíveis e produtivos com a Teoria da Objetividade. Sua relevância deriva do fato de que ele não apenas menciona a TO, mas procura construir uma ponte interpretativa direta com seus axiomas centrais.

A maior virtude do texto está em reconhecer a TO como gramática lógica e modal da existência possível. A UiT aparece como mecanismo de registro físico. Essa distinção é fundamental: a TO define as condições necessárias da objetividade; a UiT sugere como tais condições poderiam adquirir expressão informacional, física e cosmológica.

Os pontos de maior convergência são:

- o Nada como potencialidade anterior ao registro;
- a fronteira como primeira forma de informação;
- o bit como distinção mínima;
- a observação dupla como validação objetiva;
- a composição como acumulação de registros;
- o conhecimento como informação registrada;
- o elemento transcendente como informação propagada ou radiação;
- o tempo como fluxo de registro;
- a força como gradiente de fase-tempo.

Os pontos de tensão concentram-se na diferença entre necessidade modal e formalização física. A TO não pode ser reduzida à UiT, porque seus axiomas operam em nível lógico-ontológico anterior. Porém, a UiT pode funcionar como ponte física promissora para expressar processos compatíveis com a TO.

**Nota atribuída ao artigo analisado quanto ao seu diálogo com a Teoria da Objetividade: 9,4 / 10.**

A nota é elevada porque o artigo reconhece explicitamente a TO, dialoga com seus axiomas, propõe formalizações compatíveis e oferece uma ponte respeitosa entre ontologia modal e física da informação. A nota não é máxima porque ainda permanecem tensões relevantes: o Nada da TO não pode ser reduzido a “nada registrado”; o infinito modal não equivale a potencial físico máximo; a áurea é mais ampla que uma assinatura de fase; e a exigência dos dois observadores possui na TO densidade ontológica superior à simples validação intersubjetiva.



## Bibliografia

- Aspect, Alain. 1982. “Experimental Tests of Bell’s Inequalities.”
- Bohm, David. 1980. *Wholeness and the Implicate Order*. London: Routledge.
- Cabannas, V., and Silva. 2016. *Teoria da Objetividade: terceira teoria de origem do universo, alternativa à Teoria do Big Bang e ao Criacionismo*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17306198>.
- Cabannas, V., and SILVA, D. 2018. *THEORY OF OBJECTIVITY: Third theory of the origin of the universe, alternative to the Big Bang Theory and Creationism*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17012791>.
- Cabannas, V., and SILVA, D. 2020. *A ESFERA PERFEITA (Comentário Número 9 à Teoria da Objetividade)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17013728>.
- Cabannas, V., and SILVA, D. 2025. *Teoria da Objetividade: Fundamentos Lógicos, Ontológicos e Científicos para uma Nova Física e Cosmologia (Diálogo com as Inteligências Artificiais)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.17295496>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026a. *From Modal Axioms to Empirical Contact: Gödelian Discipline, the Law of Logical Minimum, and Operational Bridges in the Theory of Objectivity (2.0)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18154295>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026b. *Modal Ontology and Testability: Boundaries, Convergence, and the Phenomenic Table of the Theory of Objectivity in Dialogue with Contemporary Physics and AI-Assisted Operational Bridges (1.0)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18257429>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026c. *Gravity as an Emergence of Convergence Zones: A Critical–Propositional Examination of Information Flux Theory in Light of the Theory of Objectivity (TO) (1.0)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18306977>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026d. *Quantum Field Theory and the Properties of the Vacuum: A Critical–Propositional Reading under the Modal Discipline of the Theory of Objectivity (TO) (1.0)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.18370212>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026e. *THE MODAL DISCIPLINE OF COSMIC ORIGIN: a Critical–Propositional Analysis of the Big Bang Theory in Confrontation with the Theory of Objectivity (1.0)*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.19034270>.
- Cabannas, V., and Silva, D. 2026f. *Unified Informational Theory and the Modal Discipline of the Theory of Objectivity: A Critical–Propositional Analysis of Yaniv Riz’s Article in Confrontation with the Modal Axioms, Phenomenic Elements, Inducer Effects, the Cosmogonic Theorem, and the Cosmological Eras of TO*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.20015963>.

- Einstein, Albert. 1920. *Relativity: The Special and the General Theory*. London: Methuen & Co.
- Hawking, Stephen. 1988. *A Brief History of Time*. New York: Bantam.
- Heisenberg, Werner. 1958. *Physics and Philosophy: The Revolution in Modern Science*. New York: Harper & Row.
- Kuhn, Thomas S. 1962. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press.
- Penrose, Roger. 2004. *The Road to Reality: A Complete Guide to the Laws of the Universe*. London: Jonathan Cape.
- PLANCK Collaboration. 2018. *CMB Anisotropies and Cosmological Parameters*.
- Prigogine, Ilya, and Isabelle Stengers. 1984. *Order Out of Chaos: Man's New Dialogue with Nature*. New York: Bantam.
- Riz, Yaniv. 2026a. *Unified Informational Theory: Time, Force, Gauge Structure, Matter, Thermodynamics, and Cosmology*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.20113167>.
- Riz, Yaniv. 2026b. *Primordial Nothingness as Maximal Informational Potential: A Physical-Interpretive Bridge between the Theory of Objectivity and Unified Informational Theory*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.20139535>.
- Weinberg, Steven. 1993. *The First Three Minutes: A Modern View of the Origin of the Universe*. New York: Basic Books.

## Apêndice no estilo TO

### Apêndice A — Formulação modal mínima

**Axioma 1 — Nada:** O Nada é essência matemática primitiva e eterna. Não é vazio empírico, mas condição modal anterior à distinção física.

**Axioma 2 — Áurea:** Todo elemento possui campo de individuação que o torna único. Em leitura físico-informacional, esse campo pode manifestar-se como assinatura de fase, fronteira, influência ou perfil relacional.

**Axioma 3 — Infinito:** O infinito é não-elemento necessário à definição lógica do universo. Não é objeto físico interno, mas horizonte modal de definição.

**Axioma 4 — Fronteira:** Dois elementos distintos exigem fronteira. Em leitura informacional, a fronteira é a primeira forma de distinção registrável.

**Axioma 5 — Observação dupla:** A existência plena exige ao menos dois observadores. Em leitura informacional, isso corresponde à validação objetiva por registros independentes.

**Axioma 6 — Composição:** Todo elemento é composto por elementos anteriores. Em leitura informacional, todo elemento é acúmulo organizado de registros, memórias, fronteiras e relações.

**Axioma 7 — Transcendência:** Não há universo existencial sem substância transcendente ao quantum. Em leitura físico-informacional, essa substância é conhecimento, informação propagada ou radiação atômica.

### Apêndice B — Sequência cosmogênica propositiva TO–UiT

$$Nada\ modal \rightarrow Potencialidade \rightarrow Distinção \rightarrow Fronteira \rightarrow Registro \quad (21)$$

$$Registro \rightarrow Memória \rightarrow Tempo \rightarrow Fase \rightarrow Força \quad (22)$$

$$Força \rightarrow Organização\ material \rightarrow Relação\ atômica \rightarrow Conhecimento \quad (23)$$

$$Conhecimento \rightarrow Radiação\ atômica \rightarrow Elemento\ transcendente \quad (24)$$

Essa sequência não substitui os axiomas da TO. Ela oferece uma ponte físico-informacional possível para representar a passagem da necessidade modal à manifestação cosmológica.

## Apêndice C — Princípio de não redução da TO à UiT

A UiT pode traduzir, modelar e operacionalizar aspectos da TO, mas não pode absorver a TO como caso particular. A razão é estrutural: a TO opera no nível das condições modais de possibilidade; a UiT opera no nível dos mecanismos físico-informacionais de registro. Assim, a relação correta é de complementaridade hierárquica:

$$TO \supset \textit{condição modal} \quad (25)$$

$$UiT \subset \textit{formalização físico – informacional possível} \quad (26)$$

## Apêndice D — Enunciado final em estilo TO

O Nada não é ausência pobre, mas essência primitiva.

A fronteira não é linha accidental, mas primeira objetivação da diferença.

O campo não é adorno do elemento, mas sua assinatura de unicidade.

O infinito não é coisa, mas não-elemento definidor.

A observação não é opinião, mas validação relacional da existência plena.

A composição não é soma mecânica, mas herança ontológica.

A transcendência não é fuga do mundo, mas informação irradiada pelo quantum.

Onde há registro, há memória.

Onde há memória, há tempo.

Onde há tempo, há fase.

Onde há fase, há força.

Onde há força, há organização.

Onde há relação atômica, há conhecimento.

Onde há conhecimento irradiado, há universo existencial.